

**CONTRIBUIÇÕES DA *ÉCOLE DES ANNALES* E DE
FERNAND BRAUDEL PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Larissa Rosevics

Doutoranda em Economia Política Internacional - UFRJ
E-mail: larissa_ri@hotmail.com

Recebido em: 26 mar. 2013
Aceito em: 15 mai.2013

RESUMO

A especialização das Ciências do Homem, entre os séculos XIX e XX, possibilitou o surgimento de diversas disciplinas autônomas, dentre elas as Relações Internacionais. Ao longo do século XX essa disciplina partiu com outras disciplinas, tais como a História, o Direito, a Política e a Economia, com quem procuram dialogar teórica e metodologicamente, em busca dos melhores instrumentos para explorar seus objetos de pesquisa. Sendo a História uma das interfaces fundamentais das Relações Internacionais, o presente trabalho tem por objetivo destacar as possíveis contribuições da *École des Annales* e do pensamento de Fernand Braudel para o ensino e a pesquisa em R.I.

Palavras-chave: *École des Annales*, História, Relações Internacionais.

ABSTRACT

The specialization of Humanities, between the nineteenth and twentieth centuries, allowed the emergence of several autonomous disciplines, among them International Relations. The dialogue with other disciplines, such as History, Law, Political Science and Economic Science, became fundamental for the construction of this new theoretical and methodological area. Being the History one of the key interfaces of International Relations, this paper aims to highlight the importance of an interdisciplinary dialogue from the *École des Annales* and the thought of Fernand Braudel, for teaching and research in IR.

Keywords: *École des Annales*, History, International Relations.

RESUMEN

La especialización de Humanidades, entre los siglos XIX y XX, permitió el surgimiento de varias disciplinas autónomas, entre ellas las Relaciones Internacionales. El diálogo con otras disciplinas, como la Historia, el Derecho, la Política y la Economía, se convirtió en fundamental para la construcción de este nuevo campo teórico y metodológico. Siendo la Historia una de las interfaces clave de las Relaciones Internacionales, el presente trabajo tiene como objetivo destacar la importancia de un diálogo interdisciplinario con la *École des Annales* y el pensamiento de Fernand Braudel, para la enseñanza y la investigación en RI

Palabras clave: *École des Annales*, Historia, Relaciones Internacionales.

1 INTRODUÇÃO¹

A institucionalização das Relações Internacionais como uma área autônoma do conhecimento científico, surgiu a partir da necessidade de entender as transformações do início do século XX, bem como a integração crescente dos Estados e a complexidade das suas relações dentro do sistema internacional. Até a sua criação, os estudos de temática internacional eram desenvolvidos a partir de múltiplas abordagens teórico-metodológicas, de maneira independente e por vezes fragmentada, por disciplinas como o Direito Internacional, a História Diplomática, a Economia Internacional ou a Ciência Política².

A interdisciplinaridade, entendida como um processo de construção de conhecimento científico que envolve diversas áreas e disciplinas é pensada neste artigo como elemento central para a consolidação da pesquisa e do ensino de Relações Internacionais, a partir do diálogo que ela promove entre distintas metodologias e teorias. Esse intercâmbio reforça as problemáticas específicas da área, possibilitando o surgimento de métodos próprios e mais adequados para a pesquisa e o ensino do internacional.

Em texto recente publicado pelo professor Felipe Moreira (2012), uma das questões abordadas é o uso da Paz de Vestfália como o nascedouro do sistema interestatal e os problemas existentes ao se estabelecer uma data ou um evento específico como fundadores de algo que se constitui no longo do tempo. Ou seja, dentre as áreas do conhecimento com as quais as Relações Internacionais mantêm um diálogo franco, a História é por vezes instrumentalizada de maneira arbitrária tanto no ensino quanto na pesquisa, servindo como meio de comprovação de hipóteses ou contextualizações temporais, levando ao esvaziamento do seu conteúdo teórico-metodológico.

A proposta deste artigo é, portanto, pensar quais contribuições que a História, a partir da *École des Annales* e de Fernand Braudel, pode oferecer ao ensino e a pesquisa em Relações Internacionais. Essa reflexão se dá em três momentos: um primeiro em que se discute a concepção de interdisciplinaridade proposta pela escola; um segundo, através da ideia de História Total e História-Problema e; um terceiro a partir das relações entre tempo e espaço.

2 A INTERDISCIPLINARIDADE

Nos projetos pedagógicos de diversos cursos de graduação e pós-graduação em Relações Internacionais no Brasil, bem como em livros introdutórios e manuais de estudo da área, há um consenso com relação à necessidade de diálogo com outras disciplinas. As discordâncias estão em como esse diálogo deve ser processado. As quatro possibilidades de diálogo são: a multidisciplinaridade; a pluridisciplinaridade; a interdisciplinaridade e; a transdisciplinaridade. Em linhas gerais, na multidisciplinaridade e na pluridisciplinaridade, o diálogo realizado com as diferentes disciplinas tem a preocupação de apresentar os seus distintos conteúdos, separadamente. Na interdisciplinaridade, o diálogo é realizado entre as disciplinas e busca integrá-las, possibilitando as trocas teóricas e metodológicas. Na transdisciplinaridade, além do diálogo entre as disciplinas, busca-se a construção de um conhecimento integrado a tal ponto, que as divisórias entre elas tornam-se imperceptível.

¹ Agradeço as leituras atentas dos professores Mauricio Metri e Suellen Lannes.

² Sobre as pesquisas Internacionalistas antes da institucionalização da disciplina no Brasil e suas implicações sobre o campo, destaque para os textos de Antônio Carlos Lessa (2005) *Instituições, atores e dinâmicas do ensino e da pesquisa em Relações Internacionais no Brasil*.

Ao manter um diálogo com a área da História, é preciso que o pesquisador do internacional tenha certos cuidados para que sua pesquisa não seja transformada em uma narrativa jornalística de dados e fatos históricos, desconectados de qualquer análise crítica. Nesse sentido, a interdisciplinaridade apresenta-se como o tipo de diálogo mais adequado as pesquisas na área.

A possibilidade de uma apropriação indevida da História pelas Relações Internacionais reaviva uma das primeiras discussões empreendida pelos teóricos da escola historiográfica denominada *École des Annales*, que questionavam os métodos utilizados pela historiografia tradicional, produzida pelos movimentos Positivista, Historicista e da Escola Metódica Francesa, do final do século XIX e início do século XX.

Os teóricos da *École des Annales* criticavam a maneira factual e historicista da escola tradicional, defensora dos grandes feitos e dos grandes homens. Ao propor o uso de novas fontes de pesquisa, antes ditas como vulgares, tais como relatos de populares, censos, relações comerciais, os *Annales* estabeleceram uma nova forma de entender a história e o mundo.

Fundada por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), a *École des Annales* pode ser pensada de duas maneiras. Em primeiro lugar ela pode ser entendida como um movimento crítico aos métodos empreendidos pelos historiadores tradicionais franceses. Em segundo lugar, como defensora da necessidade de uma maior aproximação da História com as demais Ciências Sociais, tais como a Sociologia, a Economia, a Antropologia, a Política, e a Geografia.

Para os *Annales*, as fronteiras entre as diversas áreas do conhecimento são artificiais, principalmente no que se refere às fontes de pesquisa. O que as diferencia uma das outras, de fato, são as teorias e os métodos aplicados. A maior contribuição que a interdisciplinaridade pode proporcionar é o diálogo entre os métodos e as teorias das diversas áreas, a possibilidade de diferentes olhares sobre uma mesma fonte, sobre uma mesma problemática.

A preocupação das primeiras gerações dos *Annales*³ com relação à interdisciplinaridade está presente em todos os trabalhos de seus membros. Fernand Braudel (1902-1985), por exemplo, procurou tratar a questão do ponto de vista teórico em vários textos. Considerado o principal nome da Segunda Geração dos *Annales*, Braudel afirmava que a especialização cada vez maior da ciência no contexto do século XIX fez surgir uma série de disciplinas, como a Sociologia, a Geografia, a Antropologia, a Economia. Em prol da defesa de seus métodos e objetos próprios, e de uma autonomia efetiva frente às demais disciplinas, essas “novatas” erigiram muros e acabaram se isolando. Porém, para Braudel “sem querer explicitamente, as ciências sociais se impõem umas às outras, cada uma tende a compreender o social no seu todo, na sua totalidade; cada uma invade o domínio de sua vizinha crendo permanecer em casa” (BRAUDEL, 2009, p.42).

Romper esse isolamento é necessário para que a própria ciência siga caminhando. Esse processo de interlocução, o estabelecimento de um “mercado comum” de trocas de métodos, técnicas, fontes, não deve permitir que uma determinada disciplina subjugue à outra, mas que elas possam construir de maneira conjunta seus próprios conhecimentos específicos.

³Segundo Barros (2010b), a primeira geração *École des Annales* é composta pelos fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre, que em 1929 fundaram o movimento e a revista *Annales* que fomentou as discussões em torno do tema de um repensar da história. Na segunda geração destaca-se Fernand Braudel, que procurou dar sequência as propostas dos dois fundadores e responsável pela divulgação e crescimento do movimento no mundo ocidental. As demais gerações aos poucos foram afastando-se das propostas iniciais, tendendo a uma “histórias das migalhas”, do “micro”, das especializações.

3 A HISTÓRIA TOTAL E A HISTÓRIA-PROBLEMA

A noção de História Total, denominada de História Global por Braudel, consiste numa proposta de se realizar pesquisas históricas de maneira interdisciplinar, perpassando todas as demais ciências. É uma História repleta de possibilidades, em que tudo pode influenciar tudo. Esse foi um dos maiores projetos de Braudel, como ele mesmo afirmou:

Minha concepção da história, a que eu apliquei à França, é a concepção de uma história global, isto é, uma história enriquecida por todas as ciências humanas. Não se trata apenas de escolher uma e casar-se com ela, mas de viver em concubinato com todas as ciências humanas. Talvez eu não tenha escrito uma história global da França, mas tentei fazê-lo. Meus sucessores são mais sensatos que eu; eles desenvolvem principalmente uma história das mentalidades, história representada de modo muito brilhante pelos historiadores que têm vinte, trinta ou quarenta anos a menos que eu. (BRAUDEL, 1989, p.132)

Esse projeto só se realiza na prática, como pode ser observado nos trabalhos de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. Os diálogos entre a Geografia e a História nos trabalhos de Fernand Braudel possibilitaram a construção de uma análise geo-histórica (RIBEIRO, 2006) importante para os estudos que pretendem tratar desse ambiente denominado internacional.

A proposta dos *Annales* é a de construir uma História que leve em consideração às contribuições das demais ciências do homem, tais como a Sociologia, a Antropologia, Economia e a Geografia. Nos textos publicados por Braudel na década de 1950 e reunidos no livro *Escritos sobre a história*, é revelador o seu descontentamento com a historiografia de seu tempo. Enquanto as demais ciências sociais cresciam em importância e em volume de trabalhos instigantes, baseados em métodos quantificáveis e verificáveis, a História seguia um caminho cada vez mais dedutivo. O diálogo com as outras áreas era necessário à História, mas com certos cuidados.

Conforme as Ciências Sociais cresciam e se especializavam, novas denominações explicativas eram necessárias. Os teóricos dos *Annales* alertavam para o perigo do anacronismo, ou seja, uso de termos e denominações elaborados por outras áreas para explicar determinados fenômenos sem levar em consideração o contexto no qual, e para o qual, eles foram pensados.

Os estudos em Relações Internacionais, ao aderirem ao “mercado comum” da interdisciplinaridade, devem estar atentos à possibilidade do uso de termos e conceitos de maneira indevida. Por exemplo, não é possível definir uma determinada sociedade feudal como uma nação, pois essa é uma construção da sociedade moderna e que requer determinadas características políticas, econômicas e culturais inexistentes no período feudal, tais como o Estado Moderno e o sistema interestatal, para existir. Sobre esse ponto, Braudel faz alguns apontamentos quando trata das dificuldades de definição do termo *Civilização*, carregado de aspectos culturais que por vezes o mistura com outros termos, tais como evolução, tecnologia e poder.

Uma pesquisa em Relações Internacionais, ao dialogar com proposta realizada pelos *Annales*, também precisa estar atenta àquilo que ela pretende estudar, ao seu objeto de pesquisa, considerando o recorte temporal como uma forma de entender o tempo, e não como sendo este o tempo em si.

Por exemplo, para Barraclough (1985)⁴, a História Contemporânea não é parte da História Moderna, ou a sua versão mais recente, ela é essencialmente diferente, tendo

⁴ Apesar do historiador inglês Geoffrey Barraclough (1908-1984) não pertencer à *École des Annales*, o objetivo ao abordá-lo foi demonstrar como estabelecer um método possível de estudo da história do mundo contemporâneo, período recorrente nos estudos de Relações Internacionais.

entre as décadas de 1890 e 1960 o período central de mudança estrutural que à distinguir e caracterizará em relação ao período anterior, sendo necessárias novas ferramentas analíticas para a sua compreensão. Explicar simplesmente os fatos que levaram a desintegração do velho mundo, centrado no equilíbrio de poder europeu, tais como as duas Guerras Mundiais, não é suficiente para explicar o que é esse novo mundo da História Contemporânea. Como Barraclough destaca, a história mundial deve ser entendida a partir de uma perspectiva mundial, levando em consideração as questões extra-européias. Os recortes feitos no tempo por Barraclough são instrumentos de análise para a compreensão da sua problemática, que é o mundo atual: “A história contemporânea começa quando os problemas que são reais no mundo atual tomaram, pela primeira vez, uma forma visível” (1985, p.19). Esses recortes não são o tempo em si, e mesmo entre dois períodos estabelecidos como distintos, há questões que podem ser permanentes. Para o autor, a soberania, o Estado Nacional, a democracia da propriedade privada e a classe média são elementos pertencentes ao século XIX e que sobreviveram e, de certa maneira, se impõe ao século XX.

Assim como as Ciências Sociais, ao surgirem, contribuíram com as pesquisas históricas dando a elas novas dimensões antes ignoradas da realidade social, a concepção de tempo social de Braudel também ampliou a abrangência histórica das pesquisas nas Ciências Sociais e poderá ampliar nas Relações Internacionais.

Uma das principais críticas de Braudel, e de toda a *École des Annales*, está no tratamento dado ao tempo pela História Tradicional, denominada também de História Política, que se baseia nos eventos, nos fatos, no tempo curto cronológico, numa “soma de dias”. Ou seja, para esses pensadores, a simples reunião de eventos e datas não possibilita uma reflexão científica satisfatória.

A busca por novos recortes temporais e a construção de séries históricas, além de serem instrumentos metodológicos de pesquisa extremamente válidos, levaram os pesquisadores a percepção da existência de ciclos, interciclos e a construção de uma história conjuntural. Ainda que esse seja um importante passo rumo a uma história menos historicizante, Braudel destaca para o fato de que a história conjuntural não deve tender ao tempo curto, ao enfatizar fatos repetitivos como se eles fossem transformadores sendo que no longo tempo eles podem isolar-se, perdendo a capacidade transformadora.

O tempo curto, do evento, do fato, dá testemunho de algo mais complexo, que pertence a uma temporalidade mais longa. Muitas vezes ele é restrito ao presente, que é inclusive a base da História-Problema proposta pelos *Annales*. A História Tradicional positivista pensava no passado a partir da noção de progresso, sendo ele um instrumento de conhecimento para transformação do presente e previsão do futuro. Já a História-Problema tem como ponto de partida o próprio presente, problematizado a partir do contexto do pesquisador, que reconstrói o passado em busca de respostas. Nesse sentido ela é regressiva, pois parte de um tempo próximo ao formulador da pergunta, para tempos mais distantes, num iluminar recíproco de uma história dialética da duração, tendo como ponto central a busca pelo longo tempo.

“Todas as palavras vivas mudam e devem mudar” (BRAUDEL, 2009, p.244). Assim como o pesquisador precisa ter cuidado com os termos que usa, ele deve ter consciência de que é um ser que pertence a um tempo, do qual é impossível se dissociar e que o influencia em seus recortes e suas pesquisas. Ao pesquisador cabe atender as mudanças presentes nos termos usados e na realidade ao seu redor, pois a neutralidade se constrói a partir da consciência das suas próprias limitações.

É no problema, que envolve as atividades e relações humanas no tempo e no espaço, que as disciplinas de Relações Internacionais e História se encontram, cabendo às pesquisas com perspectiva internacional ter suas bases nessas relações entre problema, tempo e espaço.

Na década de 1950, quando Braudel fez as reflexões reunidas no livro *Escritos*

sobre a história, já havia defendido sua tese denominada *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*,⁵ em que é possível perceber, na prática, os principais aspectos com relação ao tempo e ao espaço em sua obra de história. O espaço geográfico do Mediterrâneo é tomado como objeto da história e a ele são aplicadas análises dentro do tempo.

Portanto, há dois elementos centrais no pensamento de Braudel: o tempo e o espaço. De forma abstrata, o tempo é entendido como social e composto por múltiplas velocidades. O tempo não pode ser apenas um na medida, e nem uma medida em que existe apenas um grupo social, mas ele é composto por vários grupos, que constroem suas características singulares em meio a relações que se estabelecem entre si. Assim como existem particularidades individuais que precisam ser observadas, todos os indivíduos estão inseridos em uma realidade mais complexa, a social, que é uma construção histórica. Como observa Barros (2010b) ao tratar de Lucien Febvre e de sua obra *Rabelais*, o indivíduo dissolve-se no coletivo, pois há limites para a sua singularidade, limites estes impostos pelo convívio social dentro de seu tempo.

4 O ESPAÇO E O LONGO TEMPO

Para pensar a História Econômica, em especial no seu livro *Civilização Material*, Braudel estabelece três temporalidades relevantes, que articuladas e em sintonia com as demais Ciências Sociais, procuram proporcionar um estudo de História Total. Seriam elas: o tempo curto, dos eventos; do tempo conjuntural, dos ciclos e das repetições; e o tempo longo, das estruturas.

A preocupação de Braudel está nas permanências e nas mudanças e, para isso, a principal dimensão com relação às durações do tempo na História é aquela que procura entender a lógica que faz com que fatos singulares se repitam ou que fatos repetitivos se singularizem. No tempo curto, um fato de destaque é como um vaga-lume em noite escura, não tem capacidade de revelar a escuridão em si, mesmo sendo um ponto de luz. Já no tempo médio, da conjuntura, é possível selecionar aqueles fatos que se repetiram, mas dada a sua curta extensão, ainda não é possível afirmar se eles se repetiram por conta do acaso, se há um mesmo fator que provoque a repetição, ou se essa repetição pode ser sinal de mudança. Para Braudel e para os autores da *École des Annales*, apenas no longo tempo é possível distinguir os fatos repetitivos que se singularizam, as permanências e as mudanças.

O interesse dos pesquisadores não está apenas no fato em si, nem nas suas repetições, mas na lógica que os faz se repetirem e se singularizarem, na estrutura que se impõe sobre ele. Por estruturas, Braudel (2009, p.50) define:

Por *estrutura*, os observadores do social entendem uma organização, uma coerência, relações bastante fixas entre realidade e massa social. Para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida, articulação, arquitetura, porém mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodam-na, portanto, comandam-lhe o escoamento. Outras estão mais prontas à se esfarelar. Mas todas são ao mesmo tempo, sustentáculos e obstáculos. Obstáculos, assinalam-se como limites (envolventes, no sentido matemático) dos quais o homem e suas experiências não podem libertar-se.

Cabe ao pesquisador trabalhar com as diferentes temporalidades (tempo curto, médio e longo) para construir a História relevante para a sua problemática, que é

⁵Após 20 anos de pesquisa e escrita, Braudel defendeu sua tese em 1947.

composta pelas histórias de todos os tempos possíveis, passados, presentes e futuros.

Tradicionalmente acreditava-se que o uso de tempos distintos em uma pesquisa geraria análises desconexas dos seus contextos. Porém, as dinâmicas dos grupos sociais se processam em tempos distintos dentro de um tempo mais longo, ignorado, por exemplo, pela História linear, factual. Para Braudel o tempo curto, do fato não tem a capacidade de revelar as mudanças, pois elas se processam no tempo longo e o espaço é em si uma estrutura que possibilita a sua observação. A compreensão do tempo histórico de um grupo social também precisa levar em consideração as suas relações com os demais tempos históricos, as conjunturas, numa relação constante de trocas, de interdependência: “A história dos navios não é uma história em si. É mister ressitua-la entre as outras histórias que a norteiam e a sustentam” (BRAUDEL, 2009, p.29).

A Geografia, como disciplina autônoma, tem como foco, as relações entre os homens e o meio em que vivem, e a sua dissociação da História, possibilitou a ampliação de estudos empíricos com relação ao meio e sua posição espacial. O desconforto dos *Annales* com relação a essa Geografia “divorciada” estava no crescente determinismo do espaço sobre as ações humanas, pensada a partir das motivações políticas de seus teóricos, como as acusações feitas à Geografia Política do alemão Friedrich Ratzel.

Para os *Annales*, a interdisciplinaridade com a Geografia fazia-se necessária à medida que ela possibilitava o entendimento das relações dos homens com o meio em que vivem em um determinado tempo, conferindo-lhes características particulares. Não há sociedade desterritorializada e, portanto não há História sem espaço geográfico. Segundo Ribeiro (2006, p.93):

Para eles [Febvre, Bloch e Braudel], as sociedades estão diretamente associadas a um determinado espaço, grafando seus traços numa paisagem cujas formas correspondem e representam um dado período histórico, com todo este movimento podendo ser circunscrito a várias escalas (local, regional e nacional) e apreendido através da longa duração. Destarte, o espaço, a paisagem, a região e o território passam a constituir-se em objetos passíveis de serem pesquisados pelos historiadores, posto que seu conteúdo e sua construção são transformados e modificados pelo Homem 3/4 a “caça” do historiador, aquilo que justifica a intervenção da História dentre os demais campos do conhecimento (BLOCH, 2001:54). O meio deixa de ser uma fatalidade e o historiador passa a atentar tanto para a modificação dos traços à primeira vista imutáveis quanto para a ação humana exercida no meio. Na concepção dos *Annales*, a História é, também, geográfica, e aqueles que se dedicam à compreensão desta corrente historiográfica, independente de estarem filiados à mesma, são unânimes em afirmar este vínculo.

O espaço não é um mero coadjuvante da História nem das Relações Internacionais, como é possível observar nas obras de Braudel. Tanto em *O Mediterrâneo*, quando em *Civilização Material* ou mesmo em *A identidade da França*, a Geografia figura como um objeto importante de análise, quase como um elemento determinante para a vida e ação humana e, nesse sentido, é possível perceber o diálogo de Braudel com o geógrafo Vidal de la Blache⁶. Se, por um lado, aos homens não é possível ser refutado o fato de viverem e se reproduzirem materialmente dentro de um determinado espaço físico, a capacidade de influência deste espaço sobre as ações humanas tão pouco pode ser ignorada. Para além de uma necessidade humana, o espaço é organizado e transformado pela ação humana, podendo tornar-se objeto de disputa entre sociedades.

⁶Vidal de la Blache (1845-1918) foi um importante pesquisador francês que defendeu a autonomia do estudo da Geografia e que fundou em 1893 os *Annales de Géographie*, periódico que promovia a necessidade de pesquisas que demonstrassem as relações entre o meio e os homens. Os historiadores da *École des Annales* criticavam o determinismo geográfico a qual tendia a escola geográfica em suas defesas das relações entre o meio e os homens.

A partir dessa constatação que Braudel apresenta uma Geo-História, como observa Ribeiro (2006), em que o espaço geográfico passa a ser um elemento histórico que integra o cotidiano dos homens, que influencia e é influenciado por eles, uma estrutura que tende a uma transformação lenta e quase imperceptível, como é possível observar na seguinte afirmação:

[...] Durante séculos, o homem é prisioneiro de climas, de vegetações, de populações animais, de culturas, de um equilíbrio lentamente construído, do qual não pode desviar-se sem o risco de pôr tudo novamente em jogo. Vede o lugar da transumância na vida montanhesa, a permanência de certos setores de vida marítima, enraizados em certos pontos privilegiados das articulações litorâneas, vede a durável implantação das cidades, a persistência das rotas e dos tráficos, a fixidez surpreendente do quadro geográfico das civilizações. (BRAUDEL, 2009, p.50)

Como afirma Ribeiro (2006) a longa duração e o espaço geográfico são duas companhias que precisam ser pensadas em conjunto, sendo a longa duração o tempo social mais relevante aos *Annales*. Assim como o tempo não é único nem uno, o espaço também varia a partir da ação dos homens e das escolhas do pesquisador. A preocupação não está em estabelecer padrões e leis gerais para a História ou para a Geografia, mas perceber via interdisciplinaridade, que entre os ciclos, os interciclos, as rupturas, há tendências que se estendem por entre os séculos, certas estruturas que podem ser mantidas por muito tempo. Esse tempo longo tem em uma estrutura que abarca um espaço tanto nas permanências quanto nas mudanças.

O espaço, fonte de explicação, põe em causa ao mesmo tempo todas as realidades da história, todas as partes envolvidas da extensão: os Estados, as sociedades, as culturas, as economias... E, conforme escolhemos um ou outro destes *conjuntos*, modificar-se-ão o significado e o papel do espaço. Mas não inteiramente. (BRAUDEL, 2009, p.12)

Portanto Geografia e História são indissociáveis, independente do foco dado à pesquisa. Esse alerta é fundamental para as pesquisas em Relações Internacionais. Ao tratar do tempo é preciso contextualizá-lo em um espaço. Se o tempo influencia na forma de pensar e agir dos homens, o meio em que ele vive também tem igual importância. O *Mediterrâneo* de Braudel é possivelmente a maior obra Geo-Histórica produzida pelos *Annales*, em que a ação humana se articula no longo tempo e desenha num espaço geográfico determinado.

5 CONCLUSÃO

Todo trabalho na área de humanas procura reservar um espaço para a “contextualização histórica” daquilo que pretende explicar. Nos estudos sobre o internacional não é diferente. Esse uso arbitrário da História exclui o que de mais interessante ela pode proporcionar, que é a maneira como o campo constrói a sua visão crítica sobre os acontecimentos.

A obra de Fernand Braudel é singular nesse sentido. Seu cuidado em unir uma concepção de tempos múltiplos (curto, médio e longo) ao espaço, que não é só físico, mas também socialmente transformado e transformador, possibilitou uma compreensão da vida material no mundo muito mais consistente e indispensável a qualquer estudioso do internacional. Essa é um exemplo importante de interdisciplinaridade buscada pela área, e pouco instrumentalizada de fato.

A longa duração é um importante instrumento de análise para o estudo do mundo

atual e do sistema interestatal, das suas características, sua dinâmica e suas contradições. A História-Problema dos *Annales* demonstra ser no tempo curto onde se constroem as problemáticas. No entanto, apenas um olhar mais distante, capaz de dialogar com a História e com a Geografia, poderá dar pistas sobre os rumos do sistema interestatal. Como bem observado por Braudel, os processos não são sucessórios, mas predatórios, de centralização, descentralização, e recentralização.

O uso do arcabouço teórico-metodológico desenvolvido por Braudel e pelos historiadores dos *Annales* para o estudo da História fornecem importantes instrumentos de análise para os problemas inerentes aos estudos internacionais. O presente artigo buscou demonstrar que é possível abordar as teorias e os métodos da História nos estudos das Relações Internacionais, levando em consideração também a Geografia pensar o mundo atual, produzindo assim uma interdisciplinaridade mais efetiva e promissora entre as áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à história contemporânea**. São Paulo: Circulo do Livro, 1985.

BARROS, José D'Assunção. A escola dos Annales e a crítica ao historicismo e ao positivismo. **Revista Territórios e Fronteiras**, Mato Grosso: UFMT, vol.3, n.1, p.75-103, 2010a.

_____. A escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista História em Reflexão**. Dourados: UFGD, vol.4, n. 8, p.1-29, 2010b.

_____. **Teoria da História**: princípios e conceitos fundamentais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo, séculos XV-XVIII**: o tempo do mundo. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A dinâmica do capitalismo**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____. **Escritos sobre a História**. São Paulo, Perspectiva, 2009.

_____. et al. **Uma lição de história de Fernand Braudel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CECÍLIO, Marco Bulhões. **Fernand Braudel no mundo contemporâneo e a acumulação acelerada de riqueza: economia de mercado e capitalismo como opostos?**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Economia Política Internacional do Instituto de Economia da UFRJ, 2012.

MOREIRA, Felipe Kern. Não fale da Paz de Vestfália. In: **Meridiano** 47. vol.13. n.129, p. 3-9, jan/fev. 2012.

REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e tempo histórico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994.

RIBEIRO, Guilherme. Epistemologias Braudelianas: espaço, tempo e sociedade na construção da geo-história. ***GEographi***, Rio de Janeiro: UFF, vol. 08, n.15, p.87-114, 2006.

_____. A valorização do espaço: capitalismo e geografia em Civilization Materielle, Économie et Capitalisme – XV-XVIII. **Revista Estudos Históricos**, vol. 24, n. 47, p.5-27, jan-jun 2011.

ROCHA, Antonio Penalves. F. Braudel: tempo histórico e civilização material. Um ensaio bibliográfico. **Anais do Museu Paulista**, vol. 3. São Paulo, jan/dez 2005. p.239-249.